

Choveu nos palanques

MILA PETRILLO



Em linha, cerca de trezentos carros desfilaram pelo Plano Piloto dando apoio aos candidatos do PCB, Carlos Alberto e Augusto Carvalho

FERNANDO PINTO
Repórter Especial

Se São Pedro não é um santo de esquerda, pelo menos favoreceu bastante ontem o Partido Comunista Brasileiro (Partidão), no último dia da campanha eleitoral de rua permitido pelo TRE de Brasília ao providenciar a interrupção da chuva entre as 16h30 e 18 horas, tempo suficiente para que os comunistas proporcionassem um verdadeiro show visual no desfile de mais 300 carros com bandeiras vermelhas que percorreram toda a extensão do Eixo Monumental — da Rodoviária à Esplanada dos Ministérios, contornando a Praça dos Três Poderes e atingindo a plataforma superior da Estação Rodoviária.

Acaminhada programada por Orlando Cariello (PT), no Setor Comercial Sul, não pôde ser concretizada por causa da chuva, que atrapalhou a visita de Alberto Peres (PDC) a dois canteiros de obras, ou a ida de Aidano Faria (PDT) de Vargem Bonita, o encontro de Alceu Sanches (PDT) com os trabalhadores rurais do Buriti Vermelho, o contato de Fernando Tolentino (PMDB) com os comerciantes da Feira do Atacado, a panfletagem de Heitor Reis (PFL) numa rua comercial de Taguatinga, o corpo-a-corpo de Hélio Doyle (PDT) na UnB, a visita de Lindberg Farias (PMDB) a várias ruas da Ceilândia, a passeata programada por Carlos Murilo (PMDB) pela manhã e a última caminhada do índio Terena (PDT) pelo Setor Comercial Sul.

— “Deus resolveu acabar com a festa dos políticos...”, disse uma mulher de guarda-chuva aberto sobre a cabeça, observando satisfeita a Praça do Povo (SCS) completamente vazia às 10 da manhã, com a papela dos folhetos formando um grotesco tapete molhado e escorregadio. Ali perto, nos distritos do PCB, PDT, PMDB e PDC, os coordenadores de campanhas arrancavam os cabelos buscando outras alternativas de garimpagem de votos, sem saber o que fazer com várias toneladas de panfletos, faixas e santinhos que pretendiam despejar sobre a cidade no último dia de campanha.

— “Quem deve levar maior prejuízo com essa chuva braba são os poucos partidos que gastaram milhões com propaganda para jogar hoje (ontem) como seu trunfo final, principalmente o PMDB e o PFL...”, diz o jornalista Roserval Azevedo, presidente da Frente de Ética Partidária e secretário-geral do PDC, enquanto tenta equacionar uma nova programação para os dois principais candidatos de seu partido, Alberto Peres e Newton Rossi.

CIDADE VAZIA

Das 10 às 13 o repórter percorreu locais preferidos pelos candidatos nesta primeira e histórica campanha eleitoral, não só no Plano Piloto mas também nas cidades-satélites, onde os transeuntes estavam mais preocupados em fugir da chuva do que ouvir promessas políticas. Cidade vazia, molhada, aparentemente, indiferente ao clima de antevespera de eleição. Mas no período da tarde, alguns candidatos mais afios resolvem garimpas votos em locais conhecidos, a exemplo de Maerle Ferreira (PMDB), que percorreu lojas e restaurantes do Mercado do Núcleo Bandeirante fazendo a sua pregação nacionalista:

— “Nós temos que construir um país justo através da Constituição”.

Achuva não tirou o ânimo de mil e quinhentos simpatizantes do Partido dos Trabalhadores ontem, no comício de encerramento da campanha, realizado sob a marquise do Conjunto Nacional. O que a chuva estragou — o equipamento de som do partido — foi gentilmente cedido pelo candidato J. Pingo, do PCN.

“O resultado das urnas vai superar todas as pesquisas eleitorais, que nunca deram ao PT grande número de votos”, garantiu Maria Laura, candidata a deputada. Orlando Cariello, também postulante à Câmara, mostrava-se surpreendido pela receptividade que sentiu junto ao eleitorado nos últimos dias de campanha.

O último candidato a falar foi Lauro Campos, o que tem maior chance de se eleger pelo PT. Sem nenhuma modéstia, o candidato disse que já se considera vitorioso.

Ao desabar pela manhã, caracterizada por uma forte tromba d’água e menos intensa durante quase todo o dia, a chuva furto a cena do grande espetáculo que estava sendo preparado por vários partidos, inclusive a passeata programada pela coligação do PL, PDC e PMB, para as 14h, com saída do Núcleo Bandeirante. Também foram cancelados inúmeros minicomícios de candidatos em locais de maior movimento como o SCS, além do prejuízo causado aos comícios do Partido dos Trabalhadores e do PMDB, que foram realizados debaixo de chuva forte. Ainda debaixo d’água, houve uma batalha democrática dos coladores de cartazes nos pirulitos, que empunharam hereticamente suas vassouras a favor de candidatos que ficaram expostos por poucos minutos.

tante, sem a interferência maléfica das multinacionais...”

De camiseta esporte, ele não liga para a camisa ensopada de chuva e trava diálogo aberto com os que procuram para abraçá-lo. E quando alguém pergunta como vai a sua campanha, Maerle responde que vai ser um dos da, primeiros mais votados.

Do lado de fora, na entrada da segunda avenida, quem complica a passeata programada pela coligação PDC, PL e PMB é a chuva. Marcada para as 14 horas, às 14h30 só chegou apenas um carro trazendo o candidato a deputado federal Dilson Ribeiro (PMB), que resolve fazer um corpo-a-corpo improvisado pelas redondezas. Enquanto isso, nos pirulitos que ficam quase defronte do comitê eleitoral de Newton Rossi (PDC), de onde sairia o desfile de carros, trava-se uma pitoresca batalha entre os coladores de cartazes. Nos pirulitos que estão envolvidos por cartazes de Geraldo Campos (PMDB), em menos de um minuto um grupo de eficientes coladores sobreponem posters coloridos de Eustáquio Santos (PS). Cinco minutos depois, outro grupo de coladores ensopados ação as suas vassouras e desta vez prevalece a propaganda de Geraldo Campos (PMDB), outra vez.

— “Daqui a pouco, o Dorfel de Oliveira manda colocar o dele. Esperem para ver...”, garante uma jovem que veste o uniforme de um candidato, mas afirma que vai votar em outro.

Uma hora mais tarde, depois de incursionar pelo Gama, Vargem Bonita e Pedregal, o repórter retorna ao ponto de partida da passeata do Núcleo Bandeirante, onde se encontram Antônio Carlos (PMB), Otacílio Mendes (PMB) e Cláudio Ramos (PL). Há seis carros enfleirados na porta, mas pelo visto a passeata não está com jeito de sair. Um homem que veste a camisa de Ney Carneiro (PTB), conhecido como “Parrabá”, faz um oportuno comentário sobre a cédula eleitoral:

— “Nesta eleição vai ter muitos votos anulados porque a gente não consegue entender esse danado de voto. Eu também não entendo. Essa engrenagem parece casa de lacraia”.

FESTA MOLHADA

Por volta das 16 horas a chuva começa a diminuir de intensidade. Meia hora depois, a chuva cessa e a Estação Rodoviária se transforma no ponto central da festa cívica da cidade. Nas plataformas inferiores e superiores improvisam-se bandinhas de música, uma da Márcia Kubitschek (PMDB) e a outra do Marco Antonio Campanella (PMDB), tocando sambinhas e marchinhas carnavalescas. A mais animada é de Campanella, com o seu pessoal empunhando bandeiras amarelas com letras vermelhas e sam-

bando na calçada para valer. O chão está repleto de papel molhado, mas os distribuidores de panfletos e santinhos continuam cumprindo a sua missão de oferecer de braços estendidos os seus candidatos. Uma “cobra” de cinco metros rebocada por jovens e trazendo o nome de Maria Laura no seu dorso sobe e desce as plataformas, conclamando: “Vote em você, votando no PT”.

Mas o grande espetáculo que fazem todos correr a murada da plataforma superior é o barulhento desfile de carros sob fogueiro e fortes buzinas. É a programada passeata do PCB, que ocupa quase toda a extensão do Eixo Monumental, da rodoviária ao Memorial. Vagarosamente, bandeiras vermelhas desfraldadas, trata-se de um show diferente para os brasilienses no último dia de campanha, agora que a chuva dá uma oportunidade aos candidatos. O repórter conta: há 308 automóveis, todos identificados com bandeiras vermelhas ou cartazes dos candidatos Carlos Alberto (Senado) e Augusto Carvalho (Câmara). Sob aplausos de muitos que levantam o dedo em sinal de aprovação, a caravana contorna o Eixo Monumental, circunda a Praça dos Três Poderes e sobe até a plataforma superior da Estação Rodoviária. Como nem tudo são flores, ao cruzar defronte à entrada da gare, recebe o bombardeio de um alto-falante. O orador, que veste a camisa de Carlos Antonio (PPB), não poupa adjetivos à caravana que passa buzinando:

— “Esses comunistas que estão passando aí são todos uns sem-vergonhas...”

Quem mostra que é um candidato sem-vergonha, descontraído, é J. Pingo (PCN), que dá um atrativo show em cima de sua kombi, defronte às Casas Pernambucanas, se rebolando debaixo de uma sombrinha (começa a chover).

Quase ao lado de Pingo, a bandinha do Campanella continua o seu repertório de marchinhas, sambas e frevos. Na praça que fica diante da entrada central do Conjunto Nacional, vários adeptos do PT começam a se aglomerar à espera do comício programado para aquele local. São 18h20 e o comício já deveria ter começado às 18 horas. A esta altura a chuva começa a cair mais forte. Pelo visto, o pessoal do PT, provavelmente o partido que melhor trabalhou nesta campanha, está sem força de mobilização. O atraso é justificado “porque o pessoal do Campanella está atrapalhando”. Diálogo quente, com Pingo entrando na briga pedindo para o pessoal das bandeiros amarelas “se mandarem para o comício do PMDB no Setor Comercial Sul”, Campanella retira o seu grupo, que segue sambando no rumo do SCS.

LUCIO BERNADO

